



Imagens do Sagrado - Entre Paris Match e O Cruzeiro, de Fernando de Tacca. Campinas: Unicamp, 2009, 200 p.

Fotografias e artistas são sagrados

Luiz Eduardo Robinson Achutti *

Caríssimos leitores, para começar, vamos supor que um livro é uma cidade. Este livro seria uma grande e bela cidade. Convido a todos para colocarem os cintos, mas antes da decolagem um alerta: este piloto que vos escreve não é dos melhores e nosso equipamento está com pouco combustível, portanto faremos apenas um vôo panorâmico que não estará à altura desta e de toda a obra acadêmica do professor Fernando de Tacca. Avistaremos de pouca altura, uma ou outra avenida principal e alguns bairros apenas. Viagem mesmo será ler *Imagens do Sagrado*, 200 páginas, Editora da Unicamp, 2009.

Imagens do Sagrado é um livro rico que oferece diferentes camadas de leitura, vários vieses conforme a formação do leitor. Pode ser uma leitura leiga, informada ou transversal, mas todos ganharão com ela. Fato concreto: nesta obra, Fernando de Tacca trata da fotografia. Discute ética, perscruta a história, inventaria o campo da comunicação na década de 50, observa a religião, articula a antropologia e a fotoetnografia, sonda os deuses e homenageia a alma. Ele faz com competência, fé acadêmica e com profundidade, uma verdadeira obra de pesquisa investigatória feita com alma para a alma da gente. Anotem: este livro será marcante, em nosso meio, neste século que está apenas começando.

Com quais lentes fotografavam José Medeiros e Pierre Verger? Como os inúmeros personagens encaravam a religião e suas próprias vidas? Este livro discute. Como se posicionou Roger Bastide em meio a tabus, estrangeirismos e nacionalismos? *Imagens do Sagrado* revela. Qual foi o peso da revista *O Cruzeiro* na metade do século passado, e que jornalismo se praticava no Brasil e no mundo? Este livro aborda. Injustiças e oportunismos, acadêmicos ou mundanos, são analisados. Como o Brasil

*Fotógrafo, professor do Instituto de Artes e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Antropologia/UFRGS. Doutor pela Universidade de Paris 7 Denis-Diderot.

era visto pelos estrangeiros e de que maneira suas defesas eram elaboradas? Fernando de Tacca observa e transcreve.

O professor Fernando de Tacca – um dos meus exemplos acadêmicos – foi um dos pioneiros, desbravador do campo da antropologia visual no Brasil. Foi lá nos idos de 1984, quando começou sua brilhante carreira acadêmica, que ele encontrou o embrião desta pesquisa. De posse do livro *Candomblé*, publicado em 1957, percebeu que havia uma história para contar ou uma história mal contada a reparar.

As imagens de José Medeiros imediatamente saltaram aos meus olhos iniciantes na compreensão da relação entre antropologia e imagem. Imagens nunca vistas por mim e com certeza tampouco por muitos pesquisadores nas áreas da antropologia e da fotografia, e, como fotógrafo, percebi que estava diante de um fotógrafo especial, com aguçado senso plástico para as condições dadas de um ritual e suas dificuldades de documentação. Percebi que estava perante uma documentação autêntica e original. Já conhecia a importância da fotografia de José Medeiros, mas sua obra era inacessível, somente algumas imagens suas tinham sido publicadas até então, fora as publicações da revista *O Cruzeiro*, também de difícil acesso. O que me atraiu de imediato no conjunto de 60 fotografias foi o olhar inserido na complexidade do ritual e a forma como o fotógrafo realizou as imagens, com proximidade e consentimento. A objetividade no enquadramento com contextualização dos momentos importantes do ritual condensa, principalmente, os detalhes sobre o corpo como suporte ritualístico. (TACCA, 2009, p.18).

Fernando de Tacca entrevistou Medeiros e muitos outros. Ele pesquisou em sebos, bibliotecas, explorou ruelas, mergulhou em revistas amarelecidas, “coleccionou” e conectou várias pontas de um novelo confuso para depois tecer este livro. Recolheu e montou as partes de um quebra-cabeças quase impossível de ser montado. Tacca partiu de uma reportagem sensacionalista publicada por Henri-Georges Clouzot na *Paris Match* – depois repercutida pelo jornal *Diário de Notícias* – para encontrar uma reação em *O Cruzeiro*, via José Medeiros, até chegar

ao exílio de Mãe Riso da Plataforma, que personificou toda uma trama de falta de ética, respeito e boas intenções.

Não fosse sobre este livro, especificamente, eu estaria escrevendo no mesmo tom sobre qualquer capítulo da vida acadêmica do professor Fernando de Tacca. Eu poderia estar agora abordando suas conferências quando estive no Japão representando o Brasil, quando morou e deu aulas na Universidade de Buenos Aires, quando idealizou e sustentou a revista *Stadium* ou ainda se eu opinasse como ele ensina e orienta seus alunos.

É chegada a hora da aterrissagem, mas antes uma reflexão sobre a arte e os artistas. Eles são sujeitos que criam com base no real, refletem e se refletem na vida concreta. Suas criações fazem e refazem a história como forma de transformar o presente na memória que dará concretude ao futuro, sem os egos e as meras brincadeiras conceituais que grassam nos dias de hoje. Fotógrafo, pesquisador, antropólogo, escritor, doutor e professor, Fernando de Tacca é também um artista verdadeiro.

Porto Alegre, 04 de dezembro de 2009.